ESPAÇO E CULTURA: AS ANTIGAS SALAS DE CINEMA DE RUA DE SANTA CATARINA

Bhrenda Batista[1], Luís Eduardo Candeias[2], Marillyan Souza[3], Willian Dallabrida[4], Renata Rogowski Pozzo[5]

[1] Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Udesc Laguna. Estudante vinculada ao PIVIC/UDESC.
[2] Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Udesc Laguna. Estudante vinculado ao PIVIC/UDESC.
[3] Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Udesc Laguna. Estudante vinculada ao PIVIC/UDESC.
[4] Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Udesc Laguna. Estudante vinculado ao PIVIC/UDESC.
[5] Orientadora. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Udesc Laguna. sul.renate@gmail.com

Palavras-chave: Exibição Cinematográfica. Cinema de rua. Santa Catarina.

Este estudo geográfico sobre o cinema consiste em uma investigação quanto às formas de organização espacial da indústria cinematográfica do ponto de vista econômico, político e cultural com foco na esfera da exibição. O resumo apresenta os resultados preliminares da pesquisa "Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina" (Udesc). Orienta-se metodologicamente de forma a entender a organização da exibição cinematográfica catarinense enquanto uma resposta à logica de formação e regionalização do espaço. A problemática desta pesquisa responde à necessidade do reconhecimento do valor social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina.

O cinema chega a Santa Catarina pelas mãos dos ambulantes, que percorriam a vertente litorânea do estado desde os primeiros anos do século XX. Na década de 1910, ocorre a instalação das primeiras salas fixas, com excessão da região oeste catarinense, onde aparecem tardiamente, a partir dos anos 1940. Evidentemente, este fato decorre do processo de colonização da região, que iniciou-se efetivamante também nos anos 1940.

As edificações propriamente construídas para serem cinema aparecem da metade para o final da década de 1930, nas cidades de Florianópolis, Lages, Joinville e Blumenau. Tem destaque a obra do arquiteto Wolfgang Ludwig Rau, que realizou projetos para várias cidades do estado, a exemplo dos cines Marajoara e Tamoio e Lages e do Cine Mussi em Laguna. A rede exibidora de Lages adquire importância no contexto catarinense, pois foi a única que conseguiu modernizar-se ao longo dos anos, vindo a constituir a rede de cinema Arco Íris, atualmente denominada de Arcoplex.

Destaca-se que a organização da exibição cinematográfica no estado corresponde a aspectos da organziação territorial de Santa Catarina. Entender o acesso da população residente na região ao cinema é uma tarefa complexa, pois a existência de salas de cinema na cidade, nem

sempre significa a possibilidade de o habitante frequentá-la. Do mesmo modo, a ausência de salas no município não implica necessariamente à falta de acesso, pois, a presença de vias e meios de transporte os quais oportunizem a chegada do espectador aos pontos de exibição, é um fator que influencia cada caso individualmente. É preciso entender o território para entender o acesso ao cinema. Neste sentido, a rede urbana de Santa Catarina, por ser democrática segundo a conceituação de CORREIA (1989), ou seja, com a forte presença de cidades médias enquanto centros regionais, porporciona uma distribuição das poucas salas de cinema por todo território.

Na pesquisa, sobressai o fato de que as salas de cinema são pontos focais da nova paisagem urbana na qual tem lugar a vida moderna. O cinema, esta arte-técnica, trouxe a magia da modernidade para as pequenas cidades catarinenses. Pode-se dizer, que as pequenas cidades participaram do fenômeno da modernidade inicialmente através destas edificações. É notável, que o espectador interiorano frequentava o cinema não apenas para assistir ao filme, mas, também, para estar naquela magnífica construção e usufruir daquela arquitetura. O cinema era um lugar para ser visto, e frequentá-lo significava participar dessa modernidade. Cinema e arquitetura, duas grandes artes emancipadas pela expansão da indústria na passagem do século XIX para o XX, reunidas em um ponto da cidade, irradiavam curiosidade e movimento. Conforme Benjamin (1991), na modernidade, as próprias construções arquitetônicas e urbanísticas passam a ser vistas como obras de arte.

Com o fechamento das salas de rua, os centros tradicionais das cidades perderam movimento noturno e viram enfraquecer seu caráter de lugar de encontro e sociabilidade urbana. As calçadas, que antes abrigavam o burburinho das filas para o ingresso ou para a pipoca, converteram-se em lugares de passagem durante o dia e quase desertos a noite.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter; KOTHE, Flavio Rene. **Walter Benjamin:** sociologia. 2.ed. São Paulo: Atica, 1991.

CORREA, Roberto Lobato. **A rede urbana.** São Paulo: Atica, 1989.